

Explicação, zombaria, queimação de filme...usos das redes sociais para produção de intimidação sistemática, preconceitos e afastamentos sociais no âmbito das relações juvenis¹

Nalayne Mendonça Pinto (Docente de Sociologia - UFRRJ)

Lucas Ribeiro da Silva (Discente de Graduação em Ciências Sociais - UFRRJ)

Mariana Silva de Andrade (Discente de Graduação em Ciências Sociais – UFRRJ)

Cristian de Oliveira Reis (Discente de Graduação em Ciências Sociais - UFRRJ)

Gabriela Rodrigues de Oliveira (Discente de Graduação em Ciências Sociais - UFRRJ)

RESUMO:

Este trabalho é fruto da pesquisa #Oquerolanaescola realizada no curso de Ciências Sociais da UFRRJ, nesse artigo buscamos discutir a relação entre juventudes, espaço escolar, usos das redes sociais e os conflitos gerados a partir desse encontro. A escola é uma instituição socialmente referenciada e importante para a formação de sujeitos, mas na contemporaneidade é experimentada pelos atores através de interações presenciais e virtuais. A internet, seus inúmeros aplicativos e modos de uso, é considerada um meio produtor de símbolos e significados; no espaço escolar é utilizada na sociabilidade, aprendizado como também para produção de ofensas, notícias falsas e acusações, gerando desentendimentos, conflitos, violências, sofrimento físico e emocional diversos, mas que são usualmente classificados como Cyberbullying. Nesse sentido, a pesquisa busca através de relatos de alunos/as e análise de postagens em redes sociais compreender o que é usualmente categorizado como Cyberbullying; e, através dessas plataformas analisar o uso das tecnologias digitais na produção de subjetividades, narrativas, interpretações e acusações dos jovens sobre si mesmos e sobre os outros. A metodologia para esta pesquisa consiste em trabalho de campo em escolas públicas de ensino médio em Seropédica, entrevistas com alunas/os e análises das páginas de “Explana” produzidas por alunos das escolas. Dentre os relatos e casos identificados nas redes sociais chama atenção a produção/reprodução de preconceitos e intimidações entrelaçados aos marcadores sociais de raça, classe, gênero, local de moradia, entre outros. Nesse sentido, a propagação de memes, imagens, notícias falsas, fofocas nas redes sociais, nos perfis de “explana”, e nos aplicativos de conversa como Whatsapp produzem impactos nas sociabilidades e subjetividades juvenis, alterando inclusive a dinâmica do ambiente escolar e o comportamento de alguns alunos/as. Nos casos observados mais diretamente a escola não produziu um espaço de diálogo, aprendizado e administração dos conflitos; os mesmos são abafados ou punidos. A pesquisa aponta para a necessidade de uma discussão mais cuidadosa sobre os usos das redes sociais e aplicativos de conversa no âmbito da socialização juvenil, além da importância do letramento digital ético e não violento; ao mesmo tempo que destaca a abordagem etnográfica como um meio de valorizar e visibilizar as experiências juvenis no contexto escolar. Importa considerar que a juventude passa grande parte da sua vida no ambiente escolar e considera o meio virtual como um território vivo e ativo em suas vidas; celulares, redes sociais são artefatos tecnológicos que constituem modos de ser, estar e compartilhar suas experiências vividas bem como suas formas de “zoar” e “explana” seus colegas.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2024.

Palavras chave: Intimidação, Explana, Cyberbullying.

Introdução

Esse artigo tem como proposta discutir um fenômeno que vem ganhando cada vez mais visibilidade na sociabilidade juvenil, qual seja, o uso das redes sociais para produção de notícias falsas, calúnias, intimidações, e mesmo alardeando fatos ocorridos no cotidiano juvenil, mas que teriam dimensões bem menores não fosse a “explanação” na internet. Denominado popularmente de *cyberbullying*, é definido pela Lei 13.185/2015, lei que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*)², da seguinte forma: “há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial” (parágrafo único).³

Nesse sentido, buscamos analisar as dimensões individuais e coletivas que essa publicização pode ocasionar; e através dos relatos colhidos e análises das postagens compreender os sentidos e significados da “zoeira”⁴ em novas dimensões; importa analisar o uso das tecnologias digitais na produção de subjetividades, narrativas, interpretações e acusações entre os jovens sobre si mesmo e sobre os outros.

A metodologia para esta pesquisa consiste no trabalho de campo em escolas públicas de ensino médio em Seropédica, entrevistas com alunas/os das escolas pesquisadas e também discentes de graduação da UFRRJ, análises das páginas de “Explana” produzidas por alunos das escolas e casos emblemáticos ocorridos no Brasil e publicados nas mídias tradicionais. Cabe destacar que esta pesquisa é fruto do projeto de

² Na Lei referenciada é definido como bullying § 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

³ Nesse texto vamos tratar as situações descritas como intimidação sistemática tal como definido na Lei 13.185/2015 que Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), todavia chamamos atenção para o termo encobrindo diversas formas específicas de preconceitos e violências, por exemplo o racismo situação que mais encontramos em nosso trabalho de campo e frequentemente chamado de “bullying” nas escolas.

⁴ Os jovens pesquisados usam o termo zoeira para referirem-se a múltiplas formas de intimidação sistemática; as zoeiras representam formas de produção de implicâncias e acusações que podem ir das mais simples até aquelas mais gravosas e mesmo criminosas como racismo.

pesquisa #Oquerolanaescola⁵ realizada no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFRRJ.

Juventudes, cyberbullying e sociabilidades virtuais

Gostaríamos nesta seção discutir como a sociabilidade juvenil na atualidade se constituiu por ambiente presenciais e virtuais. Nos últimos anos com a popularização dos smartphones e acesso mais barato à internet e redes sociais os adolescentes e jovens passam grande parte do seu dia a dia navegando pelas redes; aqueles com poder aquisitivo maior conseguem um celular com mais velocidade, memória e navegação ilimitada, todavia mesmo jovens de baixa renda e que possuem celulares mais simples, hoje já podem ter acesso às redes sociais com mais facilidade pois há celulares smartphones de preços menores, há planos pré-pagos com redes sociais ilimitadas e inúmeros de locais oferecem WIFI gratuito; isso possibilita que durante todo dia eles estejam conectados à diferentes informações, sejam notícias do Brasil e do mundo, assim como as últimas fofocas da turma, da escola, ou mesmo notícias de suas casas; tudo isso pelos aplicativos mais utilizados pelos jovens o WhatsApp e Instagram.

Mas de que jovens falamos? De acordo com Abramovay (2002), a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) estipula a faixa etária, que classifica o sujeito como jovem vai dos 15 aos 24 anos. Já o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013) define como jovens as pessoas que possuem idade entre 15 e 29 anos. Pautado num caráter hereditário, o Estatuto “não” define a juventude como um fenômeno que também é constituído pelo meio social, cultural e histórico do indivíduo. Assim, ele propõe direitos e deveres a esse jovem, que se apresenta como constituído e demarcado apenas pela sua faixa etária, não pensando na juventude enquanto uma categoria que assume uma condição plural na sociedade.

As pesquisas sobre juventude nas ciências sociais são amplas e identificam os diversos processos sociais e culturais que constroem a identidade do ser jovem. A juventude é definida como um tempo de formação de identidades e construção de projetos futuros e, além disso a juventude: “É vista como o tempo de ‘moratória social’, ‘etapa de transição’, em que os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social: responsabilidade com família própria, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania” (NOVAES, 2005, p. 110).

⁵ Instagram <https://www.instagram.com/oquerolanaescola/>

Regina Novaes (2005) indica que as formas da juventude viver a moratória social⁶ são diferentes e desiguais e, por isso, é importante considerar a questão da existência de múltiplas juventudes. Também é colocado que a partir da experiência inédita da questão geracional, os jovens se encontram numa situação única, singular. Bourdieu (1978, p. 02) acredita que “Somos sempre o jovem ou o velho de alguém”. Portanto, as demarcações de idades ou gerações são variáveis e passíveis de alterações. Juventude e velhice aparecem como uma luta entre jovens e velhos, e essa concepção não é dada, mas, construída nas relações sociais.

Assim, importa considerar que as juventudes são diferentes e não constituem um grupo homogêneo dos quais representam as mesmas características e os mesmos desafios. É necessário analisar as diferentes formas de viver a juventude, por exemplo, os indivíduos que compõem a categoria juventude, pertencem a estratos sociais diferentes, que possuem concepções de tempo, de gosto, de forma de se vestir, de se comportar, e de conceber o mundo, diversas. Margulis e Urresti (1996) concebem a categoria juventude como difícil de ser definida, pois ela engloba para além da idade (enquanto um marcador social), religião, etnia, classe social, nacionalidade, os ritos de passagem, as instituições e a divergente concepção social, econômica e política das sociedades. A juventude é analisada enquanto uma categoria heterogênea, proveniente das diversas significações que cada sociedade faz do que é ser jovem. Para compreender a juventude é necessário observar as situações e marcos sociais, políticos, econômicos e culturais que sujeitam a forma de ser jovem, assim como, a fase da vida em que a juventude se reproduz.

A incorporação de modos de ser, de se comportar, de coexistir dentro de um grupo social e de pertencer a determinados grupos sociais faz do “ser jovem” uma concepção diversificada no tempo e no espaço com compartilhamentos de códigos sociais, ideias, e modos de se viver e se comportar na sociedade; assim é preciso estar atento de que ser jovem parte de toda uma construção social. Atuando como uma das categorias que estruturam as teias de sociabilidade, além de atuar no imaginário social, a juventude é uma realidade social e histórica e, não uma categoria “totalizante” e “universal”, se ela é histórica e social, é construída nas especificidades dos sujeitos em seu âmbito social e, é produzida na pluralidade da vida em sociedade (DAYRELL, 2007 e GROPPPO 2004).

⁶ De acordo com Groppo (2015), “A moratória social torna-se um período de vida em que se permite postergar diversas exigências sociais – tais como trabalho, matrimônio, ter filhos e formar o próprio lar – e em que há uma especial tolerância para com o comportamento juvenil”. (GROPPPO, 2015, p. 18).

Parte significativa dessa construção social e compartilhamento do ser jovem é realizada no âmbito escolar. É na escola que a/o jovem interage e socializa cerca de 25% a 30% do seu dia (isso considerando escolas de meio período); desse modo, estamos falando o quanto o cotidiano escolar é fundante da identidade juvenil. É na escola onde aprende-se e troca-se de modo intersubjetivo além do conteúdo acadêmico das disciplinas obrigatórias, como também um conjunto de regras, costumes, moralidades e performances que serão compartilhadas no âmbito sociocultural; mas será também na escola onde serão vivenciados muitos conflitos, divergências e intimidações. Segundo Simmel (1983) na sociação que vivenciamos em nosso cotidiano teremos experiências de cooperação, mas também de competição e oposição; desse modo, os conflitos irão permear nossas interações como constitutivas da vida social. Nos termos de Koury e Barbosa (2016) a interação constitui um processo social sempre tenso e permeado por riscos de desentendimentos, desencontros, mal entendidos, manipulações, assimetrias comunicacionais, blefes, erros de tradução e equívocos.

Em todas as entrevistas que fizemos não houve um único relato que não apontasse conflitos e divergências na experiência escolar. Nos parece que todos nós temos alguma história para contar de conflitos e brigas vivenciadas ou observadas durante a vida escolar. Todavia estamos tratando aqui de quando essas brigas e intimidações escapam à esfera “doméstica” do cotidiano dentro da escola e escapem pelo bueiro da internet.

Observamos a escola como uma instituição socialmente referenciada e importante para a formação de sujeitos, mas na contemporaneidade é experimentada pelos atores através de interações presenciais e virtuais. Os jovens usam de forma muito intensa a internet, inclusive durante as aulas e intervalos; seus inúmeros aplicativos e modos de uso, devem ser considerados um meio produtor de símbolos e significados. As diversas postagens dentro e fora do espaço escolar são utilizados na sociabilidade, aprendizado como também para produção de ofensas, notícias falsas e acusações, gerando desentendimentos, conflitos, violências, sofrimento físico e emocional diversos, e que são usualmente classificados como *cyberbullying*. Desse modo, nos interessa observar como as representações sociais são construídas e compartilhadas através de um conjunto de signos e linguagens, de modo que tais significados são relacionados a pressupostos identitários que informam as maneiras que os mesmos se constroem e assim também formam os outros pelo processo de diferenciação.

As interações são pautadas como “corretas ou incorretas” de acordo com moralidades, costumes e padrões socialmente construídos e compartilhados; a partir dessa

perspectiva, analisamos os conceitos de *bullying* e *cyberbullying* como aparatos construídos no debate público uma vez que eles são parâmetros de classificação de uma ação enquanto correta ou incorreta de acordo suas definições. Entendendo a esfera pública enquanto um espaço de debates sobre o conjunto normativo, somado ao senso comum e a participação de instituições produtoras de discursos; dessa forma, orienta-se e é orientada pela forma como as pessoas entendem e discutem tais conceitos socialmente.

Ainda que tenhamos uma definição legal do que seja a intimidação sistemática há diferentes entendimentos sobre o que pode se definir enquanto *bullying* e *cyberbullying*. Na experiência dos jovens e da gestão escolar podemos observar divergências nos significados do que esses atos representam, que ora são tratados por uma ótica da violência, ora são tratados como “coisas de criança” ou mais usualmente como “zoação”. Pinto e Pinheiro (2021) analisaram como a gestão escolar quando acionada a tomar posição em casos de intimidação sistemática informa que “são coisas de crianças” que implicam entre si, amenizando o potencial ofensivo e muitas vezes violento das acusações.

No trabalho feito por Ana Paula Caetano et al, intitulado “Cyberbullying: motivo da agressão na perspectiva de jovens portugueses” (2017) foi realizado um estudo através de questionário com mais de 3 mil alunos do ensino fundamental e traçados diferentes modos de entendimentos, processamento emocional e reações às atitudes que poderiam ser caracterizadas como *cyberbullying*. A autora então analisa como um processo multidimensional e com diversas consequências, envolvendo na dinâmica os diversos atores: quem pratica, quem sofre, quem observa e quem engaja. O trabalho ressalta que as percepções geradas por essas ações são vinculadas a maneiras que elas podem ser representadas, ou seja, o entendimento sobre o que é *cyberbullying* vem de acordo da maneira que ele é informado e discutido no espaço escolar, assim podem ou não ser considerados ofensivos. Então aponta:

“As diferenças de percepção entre agressores e vítimas podem significar que estas têm dificuldade em perceber os motivos daqueles; que observam dimensões que os agressores não identificam em si próprios; que se desculpabilizam, atribuindo a eles emoções amorais como inveja e ciúmes; ou que os desculpabilizam, considerando-os imaturos. Também podem significar que os agressores têm dificuldade de se julgar ou de assumir socialmente seus motivos instrumentais, não reconhecendo o carácter premeditado e o desejo de causar mal aos outros” (CAETANO, et al, 2017, p.1031)

Pesquisa realizada em sete países europeus e apresentada em relatório da Unesco indica que a percentagem de crianças com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos que

utilizam a Internet e que relataram ter sido vítimas de *cyberbullying* aumentou de 7% em 2010 para 12% em 2014 (Mascheroni e Cuman, 2014 apud Unesco, 2019 pg 24). No Brasil, pesquisa realizada ressaltou essa ampliação entre crianças e adolescentes, conforme um estudo realizado com 1534 estudantes do Ensino Fundamental de escolas públicas de diferentes cidades do país; a pesquisa apontou que 37% dos participantes já haviam se envolvido em situações de violência virtual. Dentre essas, o envio de mensagens ofensivas através de celular e internet foi a que mais predominou seguido por “fingir ser a pessoa”, ameaças, publicação de vídeos em que ridiculariza o outro e que contém xingamentos (Stelko- Pereira et al., 2018)

Dados do mesmo Relatório Unesco (2019) sugerem que os alunos mais velhos podem estar mais expostos ao cyberbullying do que os alunos mais novos. “No caso do ciberassédio através de mensagens, as estimativas de prevalência variaram pouco entre os alunos de 11 e 15 anos”, todavia se mostraram mais elevadas entre os alunos com mais idade – maiores de 15 anos (pg. 27). Nas considerações gerais da pesquisa observou-se que as crianças que são consideradas "diferentes" correm maior risco de serem vítimas de bullying. “Entre os fatores que mais influenciam incluem inconformidade com as normas de gênero, aparência física, raça, nacionalidade ou cor da pele” (2019, pg. 25).

Nesse tipo de violência e intimidação destaca-se o caráter permanente e contínuo das agressões virtuais uma vez que o conteúdo das ofensas pode ser assistido, compartilhado ou arquivado por qualquer outra pessoa, em qualquer período de tempo. Além disso, essas formas de agressão podem ser mais intensas, posto que, os envolvidos nessa dinâmica podem utilizar perfis e contas falsas para praticarem o ato (Azevedo et al 2012; Flôres et al 2022). O ciberespaço é entendido por muitos como um ambiente livre, liberado, onde ninguém será descoberto e que pode ser, portanto, desinibidor das atitudes de violência e assédio. Os agressores se sentem protegidos pelo seu anonimato e desconhecem as reações das vítimas; estar ocultos os protege da reprovação social direta e das consequências do sofrimento da vítima (Tristão et al. 2022 ; Caetano et al. 2016).

Os processos de intimidação sistemática impactam negativamente na saúde física, mental e na qualidade de vida dos estudantes envolvidos em sua dinâmica. Encontramos relatos que envolvem depressão, tristeza, fobia social, ansiedade e baixa autoestima como efeitos das violências sofridas. De acordo com pesquisas citadas por Tristão algumas das consequências para as vítimas de bullying são:

“o risco aumentado para desenvolvimento de transtornos emocionais como ansiedade e depressão, ideação suicida e sintomas

psicossomáticos expressos, por exemplo, por dores de cabeça, dores de estômago e problemas de sono (Wolke & Lereya, 2015). São identificados também: baixa autoestima, automutilação, solidão, consumo de tabaco, álcool e outras drogas (Malta et al., 2019) (...). Nota-se que as consequências do envolvimento direto ou indireto no bullying pode persistir por toda a vida, direcionando a forma como estes alunos correspondem as relações sociais (Sampaio et al., 2015). (Apud Tristão 2022, pg. 1049)

Cotidianamente são publicadas matérias jornalísticas dando conta de casos de intimidação sistemática seja presencial ou virtual nas escolas. Material vinculada no Jornal UOL em 2023 indicava uma pesquisa feita Colégio Notarial do Brasil, entidade que representa os tabelionatos do país, chamando atenção para crescimento do número de atas registradas em cartório relatando episódios de bullying e cyberbullying, título da matéria era: “Bullying: Brasil tem recorde de registros em 2023, com 10 mil casos por mês”⁷.

Cabe destacar aqui, que a pandemia foi um grande divisor de águas para a ampliação dos casos de cyberbullying, pois o mesmo foi se tornando mais frequente quando a sociedade começou a migrar as suas formas de socializar para a internet, e isso, refletiu e reflete nos espaços escolares até os dias de hoje. Durante todo o ano de 2020 (e parte de 2021) as formas e espaços que os jovens e alunos tinham de socialização disponíveis era do modo digital⁸. Então, não só houve um aumento significativo nos casos de *cyberbullying*, mas constituiu uma geração de jovens que cresceu nesse modelo de trocas de experiências sociais virtuais das mais diversas – que passa pelo flerte, jogos, compras, brincadeiras até chegar às intimidações e violências.

Recentemente o governo brasileiro promulgou em 2024 uma nova lei que incluiu no Código Penal o crime de “Intimidação sistemática (bullying) e Intimidação sistemática virtual (cyberbullying) com previsão de penas o que não havia na Lei anterior de 2015 que visava combater a intimidação sistemática. A Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024 assim define:

⁷ Bullying: Brasil tem recorde de registro em 2023, com 10 mil casos por mês, acesso em <<https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2024/01/25/com-10-mil-casos-por-mes-pais-tem-recorde-registros-de-bullying-em-2023.htm?cmpid=copiaecola>>

⁸BORSETTO, Eunice. Aumento do bullying e cyberbullying: reflexos do isolamento social na pandemia<https://portal.unit.br/blog/noticias/aumento-do-bullying-e-cyberbullying-reflexos-do-isolamento-social-na-pandemia/>

Art. 6º O Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), passa a vigorar acrescido do seguinte art. 146-A:

“Intimidação sistemática (bullying)

Art. 146-A. Intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de modo intencional e repetitivo, sem motivação evidente, por meio de atos de intimidação, de humilhação ou de discriminação ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais:

Pena - multa, se a conduta não constituir crime mais grave.

Intimidação sistemática virtual (cyberbullying)

Parágrafo único. Se a conduta é realizada por meio da rede de computadores, de rede social, de aplicativos, de jogos on-line ou por qualquer outro meio ou ambiente digital, ou transmitida em tempo real:

Pena - reclusão, de 2 (dois) anos a 4 (quatro) anos, e multa, se a conduta não constituir crime mais grave.”

Pesquisas realizadas por Pinto e Caruso (2019, 2021) indicam que o termo bullying e cyberbullying são termos guarda-chuva que encobrem uma série de violências que acontecem no ambiente escolar. Quando observamos de perto e pedimos que os entrevistados nos relatem o fato ocorrido o que vemos são casos que podemos denominar com termos mais específicos como racismo, gordofobia, capacitismo, xenofobia, LGBTQIAP+fobia, intolerância religiosa, racismo religioso, violência psicológica ou moral, discriminação de classe, entre outros. Matéria publicada pelo G1 (2022) indica o que estamos apontando: “Estudante xingado de 'gordo' e 'bolo fofo' compartilha sofrimento após ser vítima de bullying e cyberbullying”⁹.

Nesse sentido, essas imprecisões e a pouca discussão no ambiente escolar do que seja bullying e cyberbullying na sociabilidade diária amplifica conflitos cotidianos (sejam virtuais ou não). Os jovens entendem que estão apenas “zoando” o colega e que a zoação é maneira, pois assim que se brinca nessa idade (Pinto, 2015); e para a escola as brincadeiras são “coisa de criança” produzindo uma fronteira borrada de definição e reduzindo a gravidade ou os riscos dos eventos (Coelho e Pardo, 2018).

Sociabilidades e Intimidações

Na pesquisa em curso observamos que os jovens algumas vezes identificam e relatam que estão sendo vítimas de intimidação sistemática, por outro lado também em muitos outros casos não o percebem. Cabe analisar que as interpretações, sentidos, valorações fazem parte do conjunto de experiências, sensibilidades, moralidades e

⁹ Estudante xingado de 'gordo' e 'bolo fofo' compartilha sofrimento após ser vítima de bullying e cyberbullying, acesso em <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2022/06/11/estudante-xingado-de-gordo-e-bolo-fofo-compartilha-sofrimento-apos-ser-vitima-de-bullying-e-cyberbullying.ghtml#cobssid=s>

vivências anteriormente já aprendidas. De acordo com a fenomenologia de Schutz (1979) a realidade cognitiva que possuímos é incorporada aos processos e experiências subjetivamente vivenciadas. Desse modo, para que se identifique algo e se nomeie é preciso que essa experiência já tenha sido percebida/e/ou vivida anteriormente – individual e coletivamente.

Da mesma forma acontece nas escolas, nas duas últimas décadas o debate sobre *bullying* ganhou muito mais forma e amplitude social, por isso quando falamos do tema nas escolas com alunos e professores todos indicam saber do que se trata. Entretanto, observamos nos relatos dos entrevistados que muitos casos são “abafados” pela escola para não trazer “problemas para a direção”. Sobre um caso de racismo na escola vejamos um relato:

“E acho pesado mesmo (...) teve de outro menino também que fez racismo na minha sala com o garoto: chamou o garoto de “babuíno” e tals, e foi algo terrível... foi horrível. Só que a professora ficou tipo: ah não escutei isso, não escutei isso. Aí, a gente que teve que ir... os aluno teve que ir na direção contar, porque a professora...tipo ah não escutei, a gente teve que ir na direção falar o que que aconteceu; aí o menino ficou suspenso, aí quando ele voltou, ele voltou, tipo... ameaçando uma garota porque a garota estava falando que ele era racista e tal, então ele voltou ameaçando ela. Só que aí a escola não chegou a expulsar; e chamaram a polícia nessa história, né. Nessa história chamaram a polícia. Só que agora eu não lembro se a polícia chegou a ir na escola, acho que não chegou, tipo: a história foi parar algo policial, mas não chegou polícia na escola não. E o garoto que sofreu o garoto era tipo [fez expressão facial para expressar que o menino alvo de racismo era “bobo”/ “desligado”]: ah tá não foi não, não sei o que.. sabe... não foi racismo foi uma brincadeirinha...foi tipo isso. O garoto pensou que foi assim, só que realmente não foi; foi racismo mesmo (Caio, entrevistado, 2024).¹⁰

O mesmo aluno entrevistado foi vítima de cyberbullying, segundo ele nos contou na mesma entrevista ele foi “tirado no armário”¹¹ pelo perfil do Instagram que expunha os estudantes da escola. Assim nos contou:

E também teve um comigo lá né, que me postaram só que me tiraram do armário no Instagram só que eu não contei pra minha mãe porque eu não era assumido[sussurou] então, tipo, não tinha como contar pra minha mãe; e eu fui na direção, só que a direção falou que não podia fazer nada porque não tinha o nome da escola envolvido no Instagram – Tinha o nome da escola! tinha assim, né, mas enfim apesar de todo mundo saber que o Instagram era da escola. (...) e a inspetora pegou falou também que era culpa minha eu ter saído naquilo porque eu também dava motivo... é porque eu era, né, [gesticulou e riu] eu vivia (risos), aí ele falou que eu dava motivo só que eu falei: "eu dou motivo pra alguém falar de mim?" ela falou: “ah você dá motivo” “não sei o que”... ficou por isso mesmo (...) Aí arrumei barraco não deu nada. Os outros ainda “achou” que eu estava... “ah Caio mas todo mundo sabe que você é gay “-brincando assim, sabe? “ah todo mundo sabe que você é gay, tudo bem! (Caio, entrevistado, 2024)

¹⁰ Todos os nomes citados são fictícios e escolhidos pelos próprios entrevistados

¹¹ Termo que significa que teve que assumir sua orientação sexual como homossexual.

Todavia, quando perguntado se havia muitos casos de homofobia na escola ele respondeu: “Homofobia eu nunca vi! Nunca vi não, de homofobia não. Caso interessante para pensar sobre as violências sofridas e a compreensão das mesmas. Segundo Misse (2016) experimentamos nas últimas décadas uma ampliação dos sentidos sobre o que seja violência, dessa forma os significados do que seja a violência vem se alargando com o avanço da sensibilidade pacifista e a repugnância às soluções de força, inclusive simbólicas, na vida cotidiana, o que torna mais difícil uma restrição do conceito, sendo necessário compreendê-lo em relação ao contexto histórico social que o produz e o define. Ainda segundo Michel Misse (2016), não devemos “tomar como dada” a definição de violência, pois a percebemos muito mais como constatação e acontecimento, tornando-se uma categoria que apresenta vários significados, que pode ser compreendida com diferentes formas, incluindo o problema da equivalência.

Durante as entrevistas identificamos que sociabilidade no ambiente escolar é afetada pelos conflitos que se manifestam de modo presencial e virtual, casos por exemplo, de jovens que convivem em sala de aula pacificamente, mas nas redes sociais se acusam e xingam de forma bastante veemente. Atos de intimidação, de humilhação, de violência física ou psicológica permeiam a vida dos jovens seja na escola ou fora dela; dessa forma, a leitura desses acontecimentos como atos violentos são diferenciados, encontramos relatos onde os sujeitos já estão habituados com uma socialização onde as humilhações são “zoações” rotineiras, ou há ainda um cotidiano violento que muitos jovens são submetidos - vive-se humilhação, desumanização, invisibilização do sofrimento por diversos setores da sociedade.

Alguns casos estudados as estigmatizações sociais são inscritas no conjunto de valorações que permeiam a construção social dos indesejáveis socialmente. Ouvimos inúmeros relatos sobre os insultos de “macaco” para alunos e alunas negros/as ou de gansos (acusação para bandido) para alunos pobres e moradores de favelas, o que nos permite indagar a partir do trabalho de Gonçalves (2021) “o que permite esse tipo de violência como intervenção autorizada sobre determinados corpos e territórios racialmente estigmatizados?” E como a intimidação sistemática se associa aos processos de estigmatização, hierarquização e produção das desigualdades já anteriormente propagados nas estruturas sociais?

As páginas de @Explanas funcionam através de redes sociais, alunos/as anônimos das escolas criam essas páginas vinculados a um nome de uma escola, por exemplo @explanaescolamariajose e então utilizam de recursos das próprias páginas (compartilhamento de foto, vídeo, stories, hashtags, etc) para vincular boatos, que são popularmente conhecidos como explanas. Em publicação anterior chamamos atenção para os perfis de explana como espaços de criação de símbolos e linguagens de acusação mobilizados para ganhar a maior adesão, likes e número de compartilhamentos possíveis dentro e fora da escola (Pinto, Rodrigues, Ribeiro 2024).

Desse modo, o ato de explanar não é apenas um meio de fofocar através das novas tecnologias, mas também uma forma de socializar e relatar situações, falsas ou não, que gera engajamento e mobilização de diversas emoções e sentimentos, seja por parte de quem é explanado, de quem explana ou de quem compartilha. Entretanto, seus efeitos não estão fechados ao ambiente online, mas também possuem consequências no ambiente offline, isto é, fora da internet.

FIGURA 1- PERFIS DE PÁGINAS DE EXPLANA

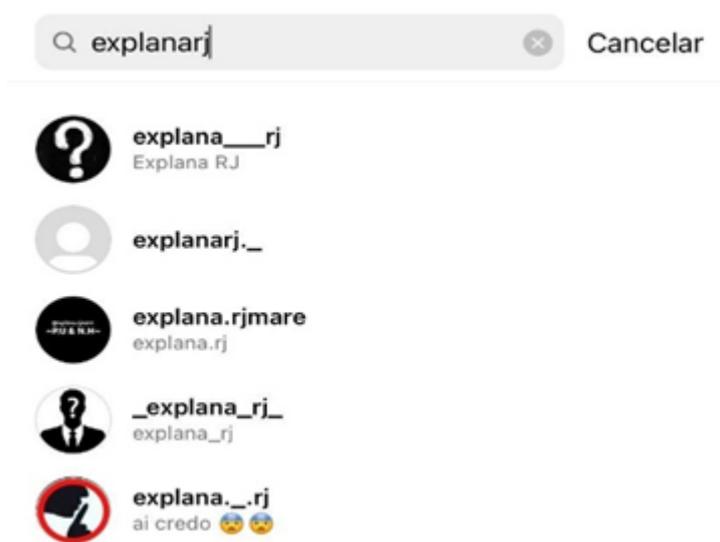


Figura 1- exemplos de perfis de explana. Fonte: Instagram

A temática das redes de explana já circula em diversos meios midiáticos, em nossa pesquisa reunimos notícias de casos de explanação com consequências notórias dos

últimos 4 anos. A notícia veiculada pelo jornal “O Globo em 2022”¹² relata o caso de uma menina de uma escola de Jacarepaguá do 9º ano que foi “explanada”, após ter traído o namorado, devido a gravidade da situação e a exposição sofrida, a jovem precisou de auxílio médico por ter um vídeo íntimo vazado nas redes sociais. “A direção do colégio tentou, mas não conseguiu descobrir quem administra o perfil, nem tampouco quem foi o autor da ofensa. Apenas identificou que o IP (endereço de protocolo da internet) é da região de Rio das Pedras.” Outro caso de “Explana” foi noticiado pela revista *Veja Brasil*¹³ e ocorreu em uma escola de elite do Rio de Janeiro em 2023; o caso contou com a utilização de novas formas de tecnologia, o que trouxe recorrente inovação em suas práticas, nesse caso houve o uso de IA (inteligência artificial) para a modificação de imagens de meninas menores de idade, em poses nuas e sensuais. A questão é que essas fotos nunca foram feitas, muito menos postadas. Um grupo de meninos da escola fez as adulterações e as lançou em grupos de aplicativos, como WhatsApp e Discord. Não demorou muito e o assunto viralizou, extrapolando os muros da escola e ganhando implicações no mundo real. Trecho da reportagem diz o seguinte:

De acordo com pesquisa conduzida pela organização sem fins lucrativos Crime Luta, em 2006, 30% dos adolescentes com idades entre 12 e 17 anos e 16% das crianças entre 6 e 11 anos tinham sofrido tom ameaçador ou coisas embaraçosas ditas online sobre eles. Quando questionados sobre o conhecimento de casos de cyberbullying ocorridos na escola, esse número sobe para 45% entre as crianças e 30% dos adolescentes. Perseguições deste tipo podem ser detonantes de transtornos mentais como depressão e ansiedade e, em casos mais graves, provocar tentativas de suicídio. (Veja Brasil, 2023)

Caso mais grave foi do jovem agredido depois de ser acusado de criar página de explana na escola, segundo noticiado espalharam o boato de que ele era o administrador de uma página de explana do local onde estudava, no bairro de Campo Grande no Rio de

¹² Explana’, o novo bullying digital: perfis com ofensas viram febre entre adolescentes do Rio. (Schmidt, Selma. O Globo, 2022. Acesso em <<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/09/explana-o-novo-bullying-digital-perfis-com-ofensas-viram-febre-entre-adolescentes-do-rio.ghtml>>

¹³ Cyberbullying: circulação de imagens sexuais falsas de jovens em escolas (Barbirato, Fábio. *Veja Brasil*, 2023, acesso em <<https://vejario.abril.com.br/coluna/fabio-barbirato/cyberbullying-circulacao-de-imagens-sexuais-falsas-de-jovens-em-escolas>>

Janeiro. A notícia publicada pelo jornal O Dia ¹⁴ conta que o jovem foi cercado e agredido por 15 alunos, no pátio da escola; a mãe do jovem fez um boletim de ocorrência sobre o acontecido.

O grupo, formado por jovens de 16 a 18 anos, acusa o adolescente de criar páginas de fofoca em uma rede social propagando falsas informações sobre eles. As páginas são "Explana Helio" e "Notícias Helio", ambas com o perfil já deletado. O jovem que sofreu as ameaças nega que tenha criado as páginas e, inclusive, quando foi encurralado pelos estudantes, deixou que todos vissem seu celular para provar que ele não tinha envolvimento. Mesmo assim, o grupo continuou com as intimidações.(O DIA, 2023)

Após o caso de agressão no pátio do colégio, a intimidação sistemática se estendeu às redes sociais do jovem. Ele foi ameaçado e xingado por meio das redes, intimidaram o aluno a não ir ao colégio, caso ele fosse ele iria apanhar. Mesmo diante dessa situação, a direção do colégio não ofereceu apoio à vítima.

A direção estava despreparada, não resolveram nada. Escreveram o ocorrido em uma ata e pediram uma reunião com os responsáveis, mas até agora nada. Meu filho está há mais de uma semana sem ir para a escola, só perdendo aula. A direção também me negou uma cópia da ata e me mandou fazer um boletim de ocorrência (O Dia, 2023).

Como visto nos casos aqui relatados, as redes de explanas operam como uma maneira de produzir “zoação”, “fofocas”, intimidações, falsas acusações e vazamentos de imagens (podendo inclusive essas imagens serem criadas por IA); são situações definidas em lei como *cyberbullying* e enquanto prática de violência sistemática no ambiente online tem como característica a utilização das novas formas de tecnologia, trazendo uma recorrente inovação em suas práticas.

As emoções que falam

Interessa-nos neste bloco dialogar com a antropologia das emoções, na medida que entendemos que todo esse processo de produção da intimidação sistemática afeta

¹⁴ Jovem é encurralado e ameaçado dentro de escola em Campo Grande por mais de 15 alunos (Queiroz, Thalita. O Dia, 2023. Acesso em <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2023/05/6636734-jovem-e-encurralado-e-ameacado-dentro-de-escola-em-campo-grande-por-mais-de-15-alunos.html>>)

não apenas a sociabilidade juvenil, mas também a construção das subjetividades e percepções de si. Sobre a construção social das emoções Le Breton em “Por uma antropologia das emoções” (2019) escreve que:

A emoção não tem realidade em si, ela não se esgota em uma fisiologia indiferente às circunstâncias culturais ou sociais, não é a natureza do homem que fala nela, mas suas condições sociais de existência que se traduzem pelas modificações fisiológicas e psicológicas. Ela se inscreve mais à primeira pessoa no seio de um tecido de significações e atitudes que impregna simultaneamente as maneiras de a dizer e de a colocar fisicamente em jogo. Ela é, portanto, uma emanção social ligada às circunstâncias morais e à sensibilidade particular do indivíduo; não é espontânea, mas ritualmente organizada, reconhecida em si e significada aos outros, ela mobiliza um vocabulário, narrativas. Ela depende da comunicação social. (2019, p. 1).

A partir do exposto pelo autor citado identificamos que as emoções e reconhecimento dos mesmos se manifestam na sociedade de acordo com as formas, sentidos, moralidades e processos culturais, definindo as maneiras que se sente e se relata as emoções. Nota-se, então, que quando a escola não faz rodas de conversa, debates e promove mediação a respeito de violências, ela está reafirmando que as questões de *bullying e cyberbullying* devem se manter silenciadas e os grupos vítimas devem ser mantidos nesse lugar da humilhação.

As emoções são a forma de ligar o homem ao mundo, através de seus sentidos, vontades e expressões. O debate sobre a construção social das emoções é importante nos estudos sobre conflitos e intimidações, pois compreende que os processos de humilhação e intimidação produzem afetações individuais frutos de uma construção coletiva. Esses jovens devem ser entendidos como indivíduos com emaranhados de sentimentos, sensações, emoções, moralidades e valores - todos construídos a partir dos processos sociais o qual estão vivendo, e são esses processos que permitem que ele sinta e expresse emoções. Desse modo: “O homem está ligado ao mundo por um permanente tecido de emoções e de sentimentos. Ele é permanentemente afetado, tocado pelos acontecimentos (Le-Breton, 2019, p.1).

Nessa perspectiva analisamos como os jovens que são “explanados” estão expostos aos processos emocionais a partir da exposição de fatos reais, ou não. Esses adolescentes e jovens encontram-se na fase onde estão aprendendo a lidar com as emoções e expressá-las. Soma-se ainda que é durante esta fase que eles têm maior contato com as diferenças fora de sua “bolha”, que é moldada pelas crenças e virtudes do seio social a qual vieram; ou seja, eles passam a ter contato com indivíduos plurais

fora do seu convívio familiar, e muitas das vezes com esse contato surge o questionamento de sua própria identidade enquanto indivíduo.

Ao explorar a dinâmica das emoções é importante compreendê-las partir do contexto sociocultural, e não tratar as emoções enquanto produtos meramente individuais ou biológicos. Claudia Rezende (2011) em seu livro “Sociologia das Emoções” nos apresenta a seguinte análise sobre as emoções: “estes sentimentos, embora possam ser vivenciados por sujeitos específicos como gerados por momentos particulares de suas histórias de vida pessoais, são ainda assim tributários de gramáticas compartilhadas de natureza sociocultural.” (Rezende, 2011, p. 35).

A forma que esses sentimentos são mobilizados socialmente também revelam sobre o modo como eles são expostos; a banalização das emoções acontece por meio de usos de termos guarda-chuvas para diversas violências como “zoeira”, “zoação”, “brincadeira” e “coisa de criança” que se liga diretamente da forma que o (cyber)bullying muitas vezes é banalizado como fosse uma atitude inerente, portanto natural, aos grupos de jovens, o que desloca o contexto social a um parâmetro não reconhecido, quando na verdade muitas dessas ações perpassam por marcadores de raça, gênero, sexualidade, território, etc, enquanto estruturais dessas relações.

Para entender a ligação entre violência, conflitos e (cyber)bullying, é preciso analisar como os jovens entendem essa relação dentro dos seus contextos sociais, partindo das emoções como forma de análise social, pois: “(...) assim como outros temas caros às Ciências Sociais, o estudo das emoções pode revelar muito sobre a dinâmica da vida em sociedade, das relações de gênero, de classe, de trabalho, etc.” (ARIEL, 2016, p.158).

Estudo realizado com vítimas de bullying por Coelho e Pardo (2018) indica que nessas intimidações o/s agressor(es) não detém uma motivação específica, eles a realizam no intuito de diminuir ou menosprezar o indivíduo, e em alguns casos para a manutenção de seus status sociais ou apenas para se satisfazer com a degradação do outro. Além disso, o texto analisa que a sociedade em geral (tutores, autoridades escolares, etc.) enxergam o bullying como “coisa de criança”, partindo deste termo entende-se que existe uma diminuição por parte da sociedade do sofrimento e agressão vivida pelos jovens, o que acarreta um senso de impunidade e legitimação ao agressor pelo crime e de invalidação da vítima, o que leva muitas das vezes o indivíduo a não falar sobre a opressão que sofre,

pois ele passa a atribuir esta humilhação a uma característica negativa em si mesmo, criando o senso muita das vezes a onde ele é o problema.

A partir daí, o texto aborda o quanto o bullying está carregado de diversas emoções pelos agressores, vítimas e observadores, como por exemplo: raiva, vergonha, pena, solidão, medo, impotência e arrependimento. Por vezes também é interessante o quanto, em ato de defesa emocional, a vítima tenta ressignificar a violência sofrida, usando o discurso de pena ou compaixão ao agressor no sentido de produzir uma compreensão sobre o que o agressor fez com ela - pois o mesmo tinha sentimentos de inveja ou até mesmo uma vida sofrida e por isso descontava nela essas agressões.

Todos os processos socioemocionais a qual estes jovens são expostos se intensificam dentro do espaço escolar, visto que a escola passa a ser grande parte da socialização destes jovens/adolescentes. Logo entende-se que é um espaço carregado de tensões emocionais de indivíduos distintos que estão aprendendo a lidar com seus próprios sentimentos, e estão criando sua própria identidade enquanto pessoas e se distanciando em parte de seus dogmas familiares, passando a ver o mundo social de uma forma individual. Quando perguntados sobre suas emoções no período escolar uma entrevistada nos relatou que a palavra podia se resumir em “Superação” pois:

A escola era muito muita fofquinha, muitas coisas que acabava me deixando mal, **por isso foi uma superação**. Eram fofquinhas de Instagram! Tinha Instagram... Instagram de fofoca, que eles postavam as pessoas. É tipo o spotted: a pessoa mandava mensagem lá e eles postavam. (...) eles postavam, tipo, coisas das pessoas que eles não queriam que postassem, né(risos) eles postavam, lá tipo: “ah fulana fez tal coisa” e jogavam lá... era tipo isso.” (Entrevistado, Caio, 2024)

É preciso compreender e analisar como o espaço escolar está permeado por uma socialização emocional produzida por experiências e vivências do cotidiano desses jovens. O que se leva a problematizar o quanto o estado emocional dos jovens diz sobre a realidade da sociedade brasileira, uma notícia¹⁵ publicada pelo portal de notícias G1 de 2022, destaca o fato dos jovens após a pandemia terem retornados ansiosos e deprimidos e relata vários casos de surtos de ansiedade por parte destes alunos.

Muitas vezes estes surtos acabam se tornando surtos coletivos, devido a convivência emocional dos jovens dentro do espaço escolar, estes surtos são derivados de

¹⁵ Carrança, Thais. Crise de saúde mental nas escolas: 'Alunos estão deprimidos, ansiosos, em luto e faltam psicólogos. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/08/25/crise-de-saude-mental-nas-escolas-alunos-estao-deprimidos-ansiosos-em-luto-e-faltam-psicologos.ghtml>

gatilhos emocionais vivenciados pelos jovens. Em outra matéria¹⁶ também publicada pelo G1, relata um surto de ansiedade coletiva dentro de uma escola no Recife, em que os alunos se cortaram utilizando lâminas de apontadores após um surto de ansiedade coletiva durante a prova.

Dentro desta dinâmica percebe-se o quanto o pós pandemia, intensificou os transtornos emocionais vivenciados por jovens. Através da perspectiva trabalhada na pesquisa foi mencionado o quanto os processos emocionais dos jovens se manifestam e intensificam no espaço escolar, e a luz destas duas reportagens é perceptível que a pandemia intensificou essa relação escola e exposição das emoções. E, durante o desenvolvimento dessa pesquisa nas entrevistas mencionadas anteriormente, foi feita uma seção de perguntas sobre saúde emocional aos entrevistados, que permitem uma análise mais cuidadosa acerca do processo emocional vivenciados pelos jovens no espaço escolar e serão em trabalhos futuros melhor explorados.

Algumas considerações finais:

As dimensões do *cyberbullying* na atualidade está presente da sociabilidade juvenil e escolar, perpassam pela lógica de engajamento e divulgação nas redes sociais. Observamos como os perfis de @explana buscam através da produção de conteúdo e imagens gerar comentários e compartilhamentos, ampliando o alcance em relação às exposições presenciais. Tais interações, ao gerar conflitos, se alimentam deles e refletem a estrutura social, especialmente no ambiente escolar. As escolas devem compreender como esses processos afetam a vida escolar e geram novos conflitos na sociabilidade juvenil, muitas vezes resultando em violência com impactos na saúde física e mental.

Neste trabalho, procuramos explorar o que é o *cyberbullying*, bem como seus impactos no âmbito social e na saúde mental e física. Nossa abordagem, buscamos enfatizar a importância de tratar essa questão com seriedade, destacando os diversos efeitos prejudiciais que essas intimidações podem trazer. Além disso, ressaltamos que o desenvolvimento de novas tecnologias, sem a devida mediação e diálogo sobre seu uso, pode criar novas formas de práticas violentas. Como demonstrado em diversos casos aqui

¹⁶ Incidentes em escolas acendem um alerta sobre a saúde mental dos estudantes brasileiros
<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/04/17/incidentes-em-escolas-acendem-um-alerta-sobre-a-saude-mental-dos-estudantes-brasileiros.ghtml>

trazidos, com o uso das redes sociais e até mesmo inteligência artificial para prática do cyberbullying.

Assim, é essencial entender essas novas situações de conflito que atingem ou partem do espaço escolar, produzindo formas de administração de conflitos não punitivistas; mas sim informativa e pedagógica, para garantir o exercício da educação em direitos humanos, proporcionando um ambiente seguro e propício ao aprendizado e desenvolvimento humano. Isso inclui prevenir violências, promover respeito e empatia, e desenvolver competências relacionadas à empatia, resolução de conflitos e cidadania digital. A escola deve ser um espaço de orientação sobre os danos das acusações nas redes sociais e formas adequadas de resolução de conflitos, promovendo um ambiente plural, de tolerância e diálogo. O cyberbullying é um problema de toda a sociedade e é necessário o levar a sério e ter políticas públicas de educação digital que busquem a prevenção para o fomento de espaços de pluralidade, diálogo e na elaboração de uma cultura de paz.

REFERENCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** In: ABRAMOVAY Miriam; CASTRO, Mary G.; PNHEIRO, Leonardo C.; LIMA, Fabiano S.; MARTINELLI, Cláudia da C.– Brasília: UNESCO, BID, 2002.

BARBIRATO, Fábio. Cyberbullying: circulação de imagens sexuais falsas de jovens em escolas. Veja Brasil, 2023. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/coluna/fabio-barbirato/cyberbullying-circulacao-de-imagens-sexuais-falsas-de-jovens-em-escolas>. Acesso em: 9 jul. 2024.

BARRETO, Maria Cristina Rocha. Sociologia das emoções. Rio Grande do Norte: Editora FGV, 2011.

BERNARDO, Aristides Ariel. O campo da sociologia das emoções: relevância acadêmica e perspectivas de análise. Revista Urutáguá, Universidade Estadual de Maringá (UEM), n. 34, junho-novembro, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A “juventude” é apenas uma palavra.** Entrevista. [1978]. Les Jeunes et le premier emploi, Paris, Association des Ages. Entrevista concedida a Anne-Marie Métaillé. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/16677551/Pierre-Bourdieu-A-Juventude-e-apenas-uma-palavra>>.

CAETANO Ana Paula; FREIRE Isabel; V SIMÃO Ana Margarida; MARTINS Maria José D; PESSOA, Maria Teresa. Emoções no cyberbullying: um estudo com adolescentes portugueses I. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 1, p. 199-212, jan./mar. 2016.

CARUSO, Haydee e PINTO, Nalayne M. Percepções, Representações e situações de violências na ambiente escolar e seu entorno social. In: Rumos da Sociologia na educação

básica. ENSEB 2017. (ORG) Haydee Caruso e Mario Bispo dos Santos. Porto Alegre: Cirkula, 2019.

CARUSO, Haydee e PINTO, Nalayne M. Violências no ambiente escolar: entre pesquisas empíricas e experiências didáticas. In: Conquistas e Resistências no ensino de sociologia. (ORG) Amurabi Oliveira et all. ENSEB 2019. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.

COELHO, Maria Claudia e PARDO, Johana. O pátio do recreio: Interação, ‘bullying’ e gramáticas emocionais da vitimização. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social** – Rio de Janeiro – Vol. 11 – no 3 – SET-DEZ 2018 – pp. 533-561

DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília P.; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina R. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. (Coleção Educação para Todos; 16).

FLÔRES, Fabrine Niederauer; VISENTINI, Danielle Machado; FARAJ, Suane Pastoriza; SIQUEIRA, Aline Cardoso. Cyberbullying no contexto escolar: a percepção dos professores. *Psicologia Escolar e Educacional*. 2022, v. 26

GONÇALES, Nathalia Ferreira. Um passado mal-acabado: políticas de rebaixamento étnico-racial da população cigana. *Anuário Antropológico*[Online], v.46. n.1, 2021

GROPPO, Luís Antônio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**. Ano: 13, nº 25, dez., 2004.

GROPPO, Luís Antonio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015.

Koury, Mauro Guilherme Pinheiro; Barbosa, Raoni Borges (Org. e trad.). *Vergonha no self e na sociedade: a sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff*. Recife: Ed. Bagaço, João Pessoa: Edições do GREM, 2016. [Coleção Cadernos do GREM, n. 10]

MARGULIS, Mario. URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. 1996. Disponível em: <http://perio.unlp.edu.ar/teorias/index_archivos/margulis_la_juventud.pdf> Acesso em: 19/03/2016.

MISSE, Michel. **Violência e Teoria social**. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social – Vol.9 – no 1 – JAN-ABR 2016 – pp. 45-63.]

NOVAES, Regina. A juventude de hoje: (re) invenções da participação social. In: THOMPSON, Andrés A. et all. (orgs) **Associando-se à juventude para construir o futuro**. [revisão e tradução do espanhol Fernando Legoni]. - São Paulo: Petrópolis, 2005

PEREIRA, Sasha Cruz Alves. O que dizem a “régua de pika” e a “porta do assédio”: gênero e sexualidade em grafitos de banheiros escolares. *Revista Campo Minado*, Niterói, v. 4, n. 5, 2024.

PINTO, Nalayne M e ALMEIDA, Jéssica Carvalho. Histeria e Honra. Narrando o conflito em ambiente escolar a partir do gênero. In: *Administração de Conflitos no espaço escolar*:

estudos interdisciplinares. (ORG) MAIA, Boris et all. Rio de Janeiro. Ed: Autografia, 2021.

PINTO, Nalayne M e PINHEIRO, Pedro Gabriel Carvalho. Conflitos e Violências no espaço escolar: Limites e Possibilidades da Administração de Conflitos. In: Administração de Conflitos e Cidadania. Problemas e Perspectivas V. (ORG) AMORIM, Maria Stella et all. Rio de Janeiro. Ed: Autografia, 2021.

PINTO, Nalayne Mendonça. Percepções de jovens sobre conflitos e violências na escola. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Edição Especial no_1 - 2015 - pp. 165-187.

PINTO, Nalayne; RODRIGUES, Gabriela; RIBEIRO, Lucas. @EXPLANA E COMPARTILHA: uma análise sobre processos de intimidação sistemática e produção de notícias falsas entre alunos (as) no espaço escolar. Revista Campo Minado, Niterói, v. 4, n. 5, 2024.

PINTO, Nalayne Mendonça. Juventude, Conflitos e Consensos: estudo de caso em duas escolas. In: Abordagens etnográficas sobre educação. Adentrando os muros da escola. (ORG) GUEDES, Simone Lahud e CIPINIUK, Tatiana. Niterói. Ed. Alternativa, 2014.

QUEIROZ, Thalita. Jovem é encurralado e ameaçado dentro de escola em Campo Grande por mais de 15 alunos. O Dia, 2023. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2023/05/6636734-jovem-e-encurralado-e-ameacado-dentro-de-escola-em-campo-grande-por-mais-de-15-alunos.html>. Acesso em: 9 jul. 2024.

SCHMIDT, Selma. 'Explana', o novo bullying digital: perfis com ofensas viram febre entre adolescentes do Rio. O Globo, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/09/explana-o-novo-bullying-digital-perfis-com-ofensas-viram-febre-entre-adolescentes-do-rio.ghtml>. Acesso em: 9 jul. 2024.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SIMMEL, Georg. **A natureza sociológica do conflito**. In: Morais Filho, Evaristo (org.), Simmel. SP: Ática, 1983.

STELKO-PEREIRA, A. C.; BRITO, R. M. de S.; BATISTA, D. G.; GONDIN, R. de S.; BEZERRA, V. M. Violência virtual entre alunos do ensino fundamental de diferentes estados do Brasil. Psicologia da Educação, (46), 21-30. 2018.

TRISTÃO, Laura Aparecida. SILVA, Marta Angelica Iossi. OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de. SANTOS, Daniel dos. SILVA, Jorge Luiz da. Bullying e cyberbullying: intervenções realizadas no contexto escolar Revista de Psicologia, Vol. 40(2), 2022, pp. 1047-1073

UNESCO. **Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial**. Brasília: UNESCO, 2019.